

DA PRÁTICA AO RESULTADO: A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A PARTIR DO OLHAR DO PROFESSOR

Autor (1): NUNES, Cássia de Sousa Silva; Co-autores: (2) GOMES, José Robson Nunes; (3)MORAIS, Naedja Maria Assis Lucena; Orientador(4): SILVA, Sílvio César Lopes

(1 – FAR – Faculdades Anchieta do Recife e-mail: cassia_cia@hotmail.com; 2 – UNOPAR – Universidade Norte do Paraná, e-mail: jrngomes@hotmail.com; 3 – FAR – Faculdades Anchieta do Recife e-mail:naedjaalm@gmail.com; 4 – SEE-PB – Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, e-mail: sclopes2@yahoo.com.br)

Resumo: A aplicação deste estudo teve como princípio o objetivo de apreciar as ferramentas pedagógicas utilizadas como meio de avaliação do ensino/aprendizagem nos centros educacionais. Contudo, o processo de avaliação classificatório está intimamente embasado nas escolas como ferramenta essencial da verificação da aprendizagem. Sabendo serem pertinentes metodologias tradicionais nesse processo, ainda que sejam discutidas como métodos que não vislumbram o aprendizado consciente do sujeito, procuramos pôr em prática caminhos opostos no intuito de agregar os conhecimentos oriundos dos alunos aos conteúdos programáticos elaborados em sala de aula evidenciando o processo e não apenas o resultado por meio de notas. Considerando que cada indivíduo traz em si conhecimentos prévios de sua própria existência, procuramos introduzir em sala de aula a participação efetiva do aluno em todas as atividades como em jogos, rodas de conversa, pesquisas e apresentações buscando a inter-relação dos conteúdos programáticos com a vivência e habilidades individuais. Podemos então definir que, a avaliação classificatória além de engessar os conhecimentos impunha o aluno a situações de estresses tornando seu aprendizado mecanizado. A elaboração de uma postura metodológica que avalie o aluno por intermédio de suas práticas e vivências dentro e fora da sala de aula, nos proporcionou a ideia de um conhecimento múltiplo e criativo favorecendo o êxito da aprendizagem, bem como o interesse do aluno pela sala de aula e consequentemente pela escola e suas propostas.

Palavras-chave: Avaliação, Aluno, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

As diversas literaturas referentes ao processo avaliativo escolar contrapõem os antigos métodos de se chegar ao verdadeiro conhecimento no que diz respeito à precisão do ensino-aprendizagem da classe discente.

Sabendo que cada indivíduo carrega dentro de si conhecimentos ainda não explorados, visto que, somos seres em constate construção e mutação, a metodologia tradicional avaliativa descarta a ideia de progressão das mais variadas formas do saber, tendo em vista que o foco está voltado para o resultado e não no processo.

Vivenciado em sala de aula, a avaliação por intermédio de exame e obtenção de notas, exercidas como determinante, traça irregularidades quando colocamos todos em um mesmo processo avaliativo sobrepondo a integridade e a subjetividade da aprendizagem de cada sujeito.

O relato de experiência exposto neste trabalho nos leva a reflexão de que a sala de aula é formada por diversos indivíduos, cada um com suas características e habilidades pessoais o que deve ser levado em consideração sob pena de não obtermos o êxito da aprendizagem.

A vasta gama de informação ofertada pelas mídias e tecnologias aumenta ainda mais, a negação de uma avaliação pelo método tradicionalmente induzido nos campos educacionais. É interessante atribuir todo esse conhecimento oriundo de outras fontes com os conhecimentos apresentados em sala de aula por intermédio dos livros didáticos.

A coerência entre conhecimentos múltiplos pode vislumbrar um impacto significativo na aplicação dos instrumentos de avaliação permitindo assim, o melhor desempenho discente realçando as habilidades e respectivamente a qualidade do ensino-aprendizagem.

É sob essa perspectiva que pensamos o nosso artigo, pautando a reflexão a partir de nossa experiência e das análises e diálogos com os autores e suas respectivas abordagens teóricas.

Contextualização

O atinente relato de experiência trata a postura de avaliação escolar como um método emblemático que perdura ao longo dos séculos. Tendo em vista as bruscas mudanças sócio-culturais, às discussões a respeito da avaliação do corpo discente além de ter grande abrangência, impõe os profissionais a meras alterações sobre o respectivo assunto.

Vivenciado em sala de aula com intensidade, uma vasta problemática para se chegar à melhor forma de avaliar os alunos, buscamos a interiorização de uma educação humanitária, na qual, vislumbrasse suas qualidades individuais visto que, cada indivíduo traz em si uma carga de conhecimento do seu tempo, práticas de vida, memórias afetivas e de cunho sócio-culturais.

FREIRE (2016) comenta que, “o respeito à autonomia de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Na perspectiva da criação de uma harmonização e leveza em sala de aula, procuramos investir na melhor maneira de interação entre os alunos e as propostas didáticas com suas realidades e particularidades visando um melhor meio de avaliação.

Assim, concordamos com Silva (2017) quando este afirma que,

A dinâmica da sala de aula e seu cotidiano vêm exigindo mais que teóricos, além da teoria, exige-se competência para atuar de forma profícua e ações que saiam do corriqueiro e trivial. O século XXI sinaliza mudanças sociais que afetam diretamente as relações educacionais, mais especificamente a do professor e aluno (SILVA, 2017, p. 02)

Creemos com isso, que avaliar é atentar para essas questões e ao mesmo tempo dar-se conta que os sujeitos estão imersos em realidades que extrapolam os muros da escola, perceber os sujeitos em constante mutação e olhar para os mesmos como seres em potencial é fazer da avaliação algo contínuo, dinâmico e humanizado, que valoriza os seres em processo e não apenas o resultado.

Objetivo

Nosso objetivo com esse artigo é perceber o papel das ferramentas pedagógicas tradicionais de avaliação individual, e ao mesmo tempo entender melhor o desempenho do corpo discente no que diz respeito ao ensino-aprendizagem do aluno.

Metodologia

Considerando a sequência metodológica do referido trabalho de cunho científico, buscou-se cotejar as experiências de avaliação individual aduzindo os múltiplos conhecimentos e experiências do aluno como parte essencial do processo avaliativo. Nele altercaram-se os métodos e impactos da avaliação no processo de aprendizagem considerando que, ainda é predominante o modelo teórico tradicional de avaliação por meio de exame programado.

A pesquisa de estudo foi realizada na escola Colégio Menino Jesus, especificamente na sala do 4º ano do ensino fundamental, onde na oportunidade introduzimos além do método tradicional de avaliação (exame), a avaliação conjunta através de trabalhos de pesquisa, oralidade, jogos e brincadeiras permitindo a percepção e exploração dos diversos conhecimentos dos alunos, além das experiências e vivências que ultrapassam os muros da escola.

Durante a concretização dos métodos acima citados, buscou-se reunir e comparar o que descrevem os autores com a prática vivenciada em sala de aula, visto que, a proposta de interação dos conteúdos programáticos com a realidade social de cada indivíduo, é essencialmente importante para a construção de uma sala de aula participativa.

Marco teórico

Os discursos referentes ao processo avaliativo escolar vêm sendo ampliado e discutido objetivando o melhoramento no que diz respeito à aprendizagem do corpo discente nos centros educacionais. É importante destacar que cada indivíduo traz consigo uma sucessão de ideias próprias de sua existência.

Embora sejam questionadas as ferramentas utilizadas no processo avaliativo dos meios tradicionais através da avaliação classificatória e existindo inconformismo do aluno referente a esses métodos, é pertinente a postura da aprovação/reprovação. Camargo (1997), afirma que “o exame escolar faz parte do cotidiano escolar de tal sorte que o ensino se desenvolve sob sua pressão e controle”.

Mediante o exposto, deve se considerar que as formas de avaliação vigentes manifestam-se de maneira improdutiva e alienada dissimulando a ideia de que o aluno aprendeu de forma produtiva o que lhe foi exposto.

Sobre essa questão, Hoffmann (2008) tem um posicionamento bastante pertinente, o qual corrobora com nossa reflexão pois entende a avaliação como ação educativa e que está atrelada a todo o processo cognitivo dos sujeitos. Assim, a avaliação passa a ser,

(...) uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo (HOFFMANN, 2008, p. 17).

O colocar-se no lugar do outro, atentar para suas dificuldades e também seus avanços, é compreender os sujeitos em constante mudança, e dar-

se conta que é no dia a dia que vamos nos aperfeiçoando. Sabemos, contudo, que esse não é um processo fácil, uma vez que somos falhos e limitados, porém, é essencial que façamos desse processo avaliativo uma ação mais humana e não meramente tradicional e mecânica.

Camargo (1997) comenta que “o contexto do exame escolar é caracterizadamente alienante, no qual se manifesta a hierarquização dos saberes...” É importante destacar que a avaliação classificatória pode interferir diretamente no processo do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, engessar suas ideias e reter em sua memória conteúdos já concluídos.

A narração ensaiada acerca da avaliação por intermédio de provas e obtenção de notas descarta as possibilidades do pensamento crítico e analítico do aluno negando os conhecimentos prévios e significativos do seu ponto de vista. Prática essas que engessam a adesão interna por parte do aluno. Camargo (1997, p. 8) explica que,

Os modos de perceber e conceder a realidade articulados pelas técnicas de avaliação passam a fazer parte do repertório operativo do aluno como única finalidade de obter a aprovação da escola. Por serem processos estranhos à sua estrutura de pensamento, tornam-se elementos impeditivos de aprendizagem efetiva e contribuintes para a formação alienante do aluno. Espera-se que o aluno tenha uma relação passiva com o saber e uma atitude crítica e neutra perante os fatos.

O complexo processo de avaliação classificatória está intimamente ligado a manifestar automaticamente a reprodução repetitiva o que é apresentado não apenas nos centros educacionais mais em diversas esferas sociais, ou seja, ela se tornou uma representação qualitativa do saber e está intimamente impregnado na sociedade. A avaliação classificatória proporciona ao conhecimento a dicotomia do conhecer ou não conhecer, causando desconfortos à expressividade do sujeito.

Para que haja mudanças significativas das práticas de avaliação compreende-se que ela deve acontecer dentro e fora dos muros educacionais objetivando ampliar as capacidades do desenvolvimento do aluno e do trabalho pedagógico. Leite, Kager (2009, p. 111) compreendem que,

Para que surjam novas práticas de avaliação dentro de uma sociedade conservadora como a nossa, e no contexto de uma pedagogia autoritária ainda presente em nossas escolas, é necessário que o educador esteja preocupado em redefinir os rumos de toda sua prática pedagógica

Sendo assim, existe a possibilidade de avaliar a partir da construção intelectual interiorizando a essência do aprender o que está ligado diretamente ao aluno. Os métodos mecânicos de memorização utilizados por diversos profissionais engessam e não incentivam a busca por um conhecimento crítico e abrangente como comenta Freire (2016) “a memorização mecânica do ensino de conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”.

Ainda que o processo de modernização das práticas pedagógicas esteja cada vez mais acelerado via os avanços tecnológicos e com eles a efêmera prática do conhecimento, perdura a ideia de uma educação convencional.

Tedesco (2007) afirma que “as mudanças mais importantes suscitada pelas novas demandas à educação é que ela deverá incorporar de forma sistemática a tarefa de formação da personalidade”.

Mediante o exposto podemos consolidar a ideia de que a escola necessita acompanhar os níveis de conhecimento de seu corpo discente, compreendendo uma escola permissível a novas propostas de ensino e com ela, uma nova maneira de avaliação que englobe as habilidades e competências singulares.

Agora, no entanto, é necessário que a atuação profissional busque instrumentos de avaliação que reconheça as diversas manifestações do conhecimento de forma à inter-relacionar o sujeito (aluno), objeto (conteúdo) a sua natureza afetiva possibilitando seu desenvolvimento cognitivo e social.

Resultados e discussão

Com o objetivo de demonstrar a importância de instigar a curiosidade do aluno, realizamos atividades diversificadas buscando a interação de todos em múltiplas experiências, na qual, os alunos interagissem entre si, com o mundo e as pessoas que o cercam, despertando sua curiosidade simultânea aos conteúdos programáticos.

A intervenção aconteceu na escola Colégio Menino Jesus, no 4º ano do ensino Fundamental, Turno vespertino. Sala composta por 23 alunos, com idade média entre oito e dez anos. Esta é uma turma mista, onde em sua maioria é composta por meninas.

Antes que pudéssemos encontrar outras práticas para obtenção de notas, pudemos perceber o desconforto causado aos alunos quando falava em exame escolar, ou seja, prova e que, a maioria dos alunos sentia dificuldades de concentração e sofriam de ansiedade quando os incentivava a um esforço maior para o estudo dos conteúdos caso contrário, ocorreriam notas negativas ao seu desempenho.

Vislumbrando toda aquela agitação, pois surgiam perguntas frequentes de quando seria a prova ou de quando nós, os professores, os entregaria, pensemos em investir em métodos pelos quais, além de explorar intensamente os conteúdos sugerisse a ideia de uma sala de aula mais leve, que despertasse a curiosidade e pesquisa.

Apresentamos a ideia de trabalhos conjuntos em sala de aula onde, na oportunidade, divide-os em grupos para estudo, inicialmente de cálculos. Primeiro passo foi o de ajustar os grupos permitindo que os alunos com habilidades maiores da ciência ajudassem aos que sentiam dificuldades.

Diversas intervenções foram realizadas para que os alunos pudessem apropriar-se dos assuntos expostos, visto que, tanto ao estudo de cálculos quanto de linguagem, houve a promoção da política do conhecimento democrático. Cada aluno teve sua participação efetiva nos trabalhos em grupo e nas apresentações.

Após o término da exposição dos alunos, muitos relataram a concretização da aprendizagem. Um fato significativo foi que alguns alunos trouxeram novidades interessantes além do que o conteúdo exigia. Pudemos perceber um excelente avanço dos conhecimentos da ciência ofertada, também fora da sala de aula através dos relatos positivos sobre a dinâmica da aula.

Mesmo sabendo que na maioria das vezes a escola tende a homogeneizar os sujeitos, as relações e os saberes, é preciso consolidar o processo de interação social da aprendizagem, significar ainda mais o que se ensina, para quem se ensina e o que se aprende. (SILVA, 2014)

A aprendizagem tornou-se aprazível mediante o incentivo da participação familiar nas tarefas propostas para serem realizadas em casa e posteriormente discutidas em sala de aula.

A utilização de jogos e brincadeiras, especificamente nas sextas-feiras, tornou-nos a chave para que pudesse perceber a participação integral de todos os alunos.

O uso das tecnologias também se tornou um marco para o incentivo a aprendizagem, visto que, todos têm acesso aos meios tecnológicos e eles propiciam uma vasta gama de informações. Presumindo a intensidade do uso tecnológico, promovemos a utilização dos mesmos para exploração de conteúdos e informações atuais, despertando assim, o senso crítico de cada aluno a respeito de determinado assunto.

Em todas as participações, tarefas realizadas oralmente e escritas se adequava uma avaliação individual das capacidades e avanços na aprendizagem dos alunos, não por intermédio de notas, e sim, pela interação de todos na exploração e descobertas dos saberes.

Fazer uma ponte entre os conteúdos programáticos e a realidade atual, além de ser um grande desafio, requer coragem e preparação para enfrentar opiniões contrárias, saberes ainda não concretizados, percepções dúbias vislumbrando a conscientização do indivíduo eximido de incertezas.

Aventurando-se, o aluno aprende a aprender e não se esquece de quando e o quanto são importantes todos os momentos e oportunidades vivenciados em sala de aula.

Antes de falar em prova, falamos em atividades demonstrativas dos conhecimentos múltiplos, das habilidades compartilhadas entre professor e aluno, entre a sala de aula e o mundo que cerca a todos partilhando de ideias e sentimentos o que é significativo ao desenvolvimento da aprendizagem.

Dispomos, por intermédio da participação efetiva do aluno, de uma sala de aula leve e participativa, de conteúdos inteiramente ligados as realidades sociais, de uma pedagogia inquieta as problemáticas de cada indivíduo, sugerindo assim, a peripécia de narrar a própria existência de todos os envolvidos.

Considerações finais

Ao concluir esse trabalho, sugerimos a reflexão sobre as práticas pedagógicas de avaliação que, ao mesmo tempo em que avaliam propõe uma educação de ensino-aprendizagem decorativa e repetitiva. Observamos que, mediante o exposto de via teórica, a qualidade da aprendizagem do aluno não deve ser medida por números e sim por tudo o que o aluno expressa em sala de aula bem como a exploração de suas habilidades.

As modificações aplicadas em sala de aula, conforme foram descritas, ocasionaram um significado especial aos conteúdos expostos, promovendo um espaço de investigação e constituição de novos saberes.

Não bastando de obtenção de notas para afirmar que o aluno aprendeu ou não, é necessário que os centros educacionais tornem-se um lugar em que corpo docente e discente interaja entre si evidenciando o serviço de uma pedagogia preocupada com as transformações sociais

Dessa forma, podemos concluir que os métodos de avaliação devem favorecer o aluno de maneira que o mesmo possa ser levado a alargar as diversas áreas do conhecimento. Para tanto, é necessário que o professor busque o planejamento de suas práticas corroborando com a autonomia, confiança e as capacidades de decisões de todos os envolvidos.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Alzira Leite Carvalhais. **O discurso sobre avaliação escolar do ponto de vista do aluno**. Revista da Faculdade de Educação. Vol. 23. N. 1-2, São Paulo. Jan./Dec. 1997. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100015>
Acesso em: 21/07/2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 53 ed. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 2016.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. KAGER, Samantha. **Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar**. Unicamp; USP. Educ. Rio de Janeiro, v.17, n.62, p.109-134. Jan/Mar. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/92462>> Acesso em: 20/07/2018.

SILVA, S.C.L. **A formação de professores e as dificuldades do fazer docente**. In: I Conbrale - I Congresso Brasileiro sobre Letramentos e Dificuldades de Aprendizagem, 2017, Campina Grande -PB. Anais CONBRALE. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2017. v. 01.

SILVA, S.C.L. **Produção textual e tecnologias**: um estudo etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da educação básica. 2014. 107f. Dissertação(Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGPFP) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo – SP: ática, 2007.